

As evidências protopalaciais da escrita no sítio minóico de Mália

ALVARO HASHIZUME ALLEGRETTE
Museu de Arqueologia e Etnologia
Universidade de São Paulo
(Pesquisador visitante)

RESUMO: As indicações da escrita na Creta minóica começaram a surgir a partir do Minóico Antigo, mas só se reconheceu a presença de um sistema de escrita no Minóico Médio, com o hieroglífico cretense e o Linear A que antecederam o Linear B. Destes, somente o Linear B micênico foi decifrado, sendo que o hieroglífico e o Linear A permanecem desconhecidos. Alguns indícios mostram que todos os sistemas eram usados essencialmente para fins administrativos, mas percebeu-se que o hieroglífico e o Linear A coexistiram no Minóico Médio. Em Mália este problema apresenta-se claramente ao se comparar o material da quadra Mu e do palácio no período protopalacial, o que levou a propor uma diferenciação de funções destas escritas por alguns arqueólogos.

PALAVRAS-CHAVE: Creta Minóica; Idade do Bronze; escrita linear A e B; Mália; período protopalacial.

Ao considerarmos a região do Mediterrâneo, encontraremos os primeiros indícios da aparição da escrita em Creta, na bacia do mar Egeu, durante o período do Bronze Médio (c. 2000-1700 a.C.). A civilização minóica concebeu e utilizou dois sistemas distintos de escrita, o hieroglífico e o Linear A (fig. 1). Um milênio antes, desde o Minóico Antigo (c. 3000-2000 a.C.), eram atestados sinais de um tipo de escrita em Creta, mas as evidências seguras de sua aparição datam apenas do Minóico Médio I (c. 2100-1900 a.C.), na área de Cnossos, com a descoberta de tabletes de argila inscritos por *Sir* Arthur J. Evans (Evans, 1920-36).

Anos mais tarde discutiu-se a questão da continuidade desses sistemas, chegando-se à conclusão de que durante o Minóico Médio Ib-II (c. 1900-1700 a.C.) esses dois sistemas coexistiram, conforme os novos achados de inscrições em Mália, na área do palácio e na quadra Mu e nos níveis protopalaciais do sítio palacial de Festos¹, tendo subsistido tal situação até o Minóico Recente I (c. 1600-1450), de acordo com o material encontrado na casa A de Zacro, no extremo leste da ilha. Neste artigo pretendo verificar em que circunstâncias houve a coexistência desses dois sistemas e a maneira pela qual essa se manifestou no sítio palacial de Mália.

Antes de mais nada seria necessário – consideramos – caracterizar estes sistemas de escrita: segundo o descobridor do palácio de Cnossos, Sir Arthur J. Evans, em seu estudo denominado *Scripta Minoa* (Evans, 1909), temos no Minóico Médio I-II (2100-1700 a.C.) o desenvolvimento de uma escrita pictográfica gravada em selos prismáticos denominada como classe pictográfica A (no Minóico Médio I) e uma variedade cursiva, a classe B (no Minóico Médio II). Para Evans, esta escrita pictográfica era parcialmente ideográfica e parcialmente fonética, dotada de determinativos como no sistema egípcio. Por tal similaridade ambas as classes foram designadas globalmente como um sistema de escrita hieroglífica (fig. 2a).

No mesmo período há a aparição de uma nova forma, o Linear A, derivada do pictográfico B, mais cursiva e modificada, que mantinha o sistema numérico decimal (fig. 8b) e o emprego de ideogramas (fig. 2b). Esta escrita parece ter sido concebida para fins precisos, pois ao contrário do hieroglífico ela não era aplicada aos selos. O Linear A é atestado essencialmente em registros contábeis, os quais compreendiam inventários de bens e listagens de indivíduos; em alguns casos foi assinalado em fórmulas votivas nos santuários (Godart, 1980, p.597).

O desaparecimento de ambos os sistemas no Minóico Recente foi relacionado ao surgimento de um terceiro sistema de escrita, o Linear B, com características continentais. Dos três sistemas, este último é o único que foi integralmente decifrado. Não é escopo deste trabalho lidar com o Linear B, já que este sistema desenvolveu-se e foi utilizado essencialmente durante a fase de ocupação micênica de Creta.

Ao se discutir as escritas minóicas, voltaremos sempre a dois pontos básicos: primeiro, o problema do deciframento das escritas e, segundo, a relação entre estes sistemas e sua função.

Com relação ao primeiro ponto, não nos encontramos próximos de resolver o problema, pois não dispomos de uma massa documental suficientemente grande para que se possa efetuar uma análise eficaz dos textos (considerando como tal a associação de dois ou mais sinais). Se compararmos o que se dispõe de documentos inscritos em hieroglífico e em Linear A com o que existe para o Linear B, para tomarmos um caso correlato e próximo, se observará uma variação significativa entre estes documentos: 270 documentos em hieroglífico contendo 1537 sinais, 1247 em Linear A contendo 7362 sinais e 4621 em Linear B contendo 66297 sinais. De acordo com os cálculos de Jean-Pierre Olivier, os documentos em hieroglífico corresponderiam a 4% do número total de documentos existentes, aqueles em Linear A a 22% e os documentos em Linear B a 74%².

Uma variação tão significativa pode ser explicada pela natureza dos suportes utilizados para este fim: observe-se que dos documentos em argila, eles são 59% do material em hieroglífico, 89% do material em Linear A e 99% do total do Linear B. Destes só pudemos recuperar aqueles que foram conservados acidentalmente por terem sido cozidos em incêndios das estruturas nas quais estavam localizados. Sendo assim não nos é possível fazer uma estimativa do volume provável de arquivos que teriam existido à época de sua utilização, mas apenas supor que não dispomos senão de uma pequena parte do total de documentos. Neste contexto, a descoberta em Mália de depósitos de arquivos em hieroglífico e em Linear A constitui uma ocorrência fortuita, aparentemente propiciada mais pela sorte do que por um desejo de preservar tais arquivos por parte de seus realizadores.

O outro ponto de contato entre os três sistemas de escrita é a função à qual todas puderam ser vinculadas: o registro contábil, o que nos conduz a atribuições de ordem admi-

nistrativa e econômica. Há alguns signos comuns aos três sistemas de escrita, mas são elementos isolados, como os signos de vinho e figos. Isso possibilitou ao menos confirmar a existência de ideogramas no hieroglífico da mesma maneira, ainda que não na mesma extensão que no Linear A.

Fixando-nos no caso das duas escritas mais antigas, devemos levantar a questão que aflora a princípio: a razão da coexistência de dois sistemas de escrita que eram utilizados para uma mesma função. E para tal problema não temos respostas definitivas, apenas hipóteses e sugestões.

Ambos os sistemas, hieroglífico e Linear A, acabaram por ser utilizados para atividades administrativas, sob a forma de registros contábeis, ainda que segundo regras diferentes. Em Mália, no período em que houve a coexistência do palácio e do complexo de oficinas e residências de burocratas da quadra Mu, atestou-se o uso simultâneo de ambos os sistemas, mas a quantidade e o conteúdo dos achados nestas áreas distintas, palácio e quadra Mu, sugeriam a existência de unidades administrativas distintas e contemporâneas. Portanto, a compreensão da articulação destas unidades durante o protopalacial poderia ser uma das conseqüências do estudo das relações entre o hieroglífico e o Linear A.

Uma questão inicial consiste em saber se a existência desses dois sistemas de notação indicaria duas línguas ou duas notações de uma mesma língua. No caso do hieroglífico não se dispõe de elementos que assegurem pertencer a uma mesma língua, pois até o momento existe uma proporção quase idêntica de documentos com escrita ornamental e com escrita normal. No caso do Linear A tem-se certeza de que todos os documentos compartilham a mesma língua. As mesmas fórmulas votivas são encontradas em sítios diferentes por toda a ilha. Por outro lado, não sabemos se a língua dos documentos de arquivos contábeis e dos outros documentos é a mesma. Entretanto ao menos uma inscrição contábil proveniente de Zacro, no extremo Leste da ilha, comporta um grupo de signos idêntico ao de uma inscrição votiva encontrada em Hágia Tríada, na parte sul de Creta, atestando a difusão da mesma fórmula pela ilha (Godart e Olivier, 1983, p.112-113).

Uma explicação possível levantada por Olivier sugere que os motivos para uma tal situação seriam menos de ordem funcional do que de ordem histórica (Olivier, 1991, p.243-246).

As duas escritas seguem um curso mais ou menos paralelo e no Minóico Médio II os escribas que gravavam os selos com sinais do hieroglífico começaram a escrever textos contábeis como seus colegas que já se utilizavam do Linear A, tomando emprestado destes os ideogramas e cifras que lhes eram desconhecidos, já que não trabalhavam como este gênero de informação anteriormente. Isto explicaria por que as cifras e ideogramas são idênticos em ambas as escritas. O hieroglífico permaneceria em uso enquanto os escribas gravassem mensagens em selos, após o que este sistema deixa de ser utilizado, permanecendo o Linear A como a escrita corrente em Creta. Uma hipótese, de Godart, seria a de que na época dos primeiros palácios os minóicos fizeram o que outros povos já haviam experimentado: utilizar duas escritas diferentes, uma para documentos contábeis – o Linear A – e outra para a escrita monumental ou diplomática – o hieroglífico (Godart, 1980, p.598). Não creio que as evidências sejam suficientes para se apoiar uma tal teoria, que permanece no terreno das possibilidades apenas.

Vejamos do que dispomos destas duas escritas em Mália (fig. 3), onde alguns indícios apontam para uma resolução parcial da questão.

O hieroglífico foi atestado no palácio em dois pontos distintos, no depósito hieroglífico da sala III8, na quadra de aparato e em um vaso do tipo Chamaizi encontrado em um depósito da primeira época sob a região do *Minoan Hall III7* (fig. 4). Na quadra Mu ele foi encontrado em diversos pontos (fig. 5) e, fora destas áreas, na casa Theta, em um vaso tipo Chamaizi com sinal hieroglífico (Effenterre e Effenterre, 1976), no terceiro ossário em outro vaso tipo Chamaizi com inscrição (Demargne, 1945) e um bloco de pedra encontrado numa antiga via turca contendo uma longa inscrição com dezesseis sinais. Seus suportes usuais são selos e impressões, tabletes, medalhões, cones, vasos e o bloco de pedra já citado.

No caso do Linear A, ele foi atestado no palácio no mesmo depósito hieroglífico, na peça IV7 e no compartimento IXb (fig. 4). Na quadra Mu ele foi atestado em vários pontos, associado ao material hieroglífico e, fora destas áreas, apenas uma rodela sem contexto preciso com uma inscrição. Seus suportes são tabletes, rodela, fragmentos cerâmicos e um bloco de pedra.

Vamos lidar neste momento com um achado específico e seu contexto, o que permitirá discutir a cronologia destes sistemas no protopalacial.

As investigações no sítio de Mália no que diz respeito às evidências de escrita começaram com a descoberta em 1923 de um depósito dentro do palácio.

Em 1930 Fernand Chapouthier publicou um volume intitulado *Les Écritures Minoennes au Palais de Mallia* (Chapouthier, 1930). Esta obra, redigida em 1927, dava conta de uma das mais importantes descobertas feitas no sítio para o conhecimento das escritas minóicas, o depósito hieroglífico da sala III8. Esta obra apresentou de forma sistemática do material, o qual consistia de medalhões, tabletes e barras, encontrados no solo desta sala.

No fim do Minóico Médio, momento em que já se tem delineada a presença de um edifício palacial, ocorre a reconstrução do palácio, e ao Norte, na área em questão, estes sinais são visíveis. Blocos de calcário são talhados e esquadrados, os sinais são superficialmente incisos nos blocos, colunatas substituem as paredes e lajeados cobrem os pisos estucados. Será sobre um desses pisos lajeados posteriores, em uma câmara estreita, que se encontrou os arquivos. Chapouthier via dois momentos diferentes da escrita: um no fim do Minóico Antigo, com a edificação do primeiro palácio, até o fim do Minóico Médio II, onde “os símbolos da escrita aparecem, semi-mágicos, semi-intelectuais, são gravados em pequenos selos prismáticos que eram carregados suspensos, servem de selos e de amuletos” (Chapouthier, 1930, p.5). O segundo momento iria do Minóico Médio III até a metade do Minóico Recente I. Nestas duas fases a escrita também se apresenta de duas formas distintas: marcas profundas nos blocos de pedra e selos e, depósitos de arquivos e marcas rasas nos blocos, sendo que três séculos separam esses dois momentos.

Este depósito se situa na parte Norte da ala Oeste do palácio, ao Sul do *Minoan Hall III7* (fig. 6). A partir deste pátio com duas colunas se chega a uma sala sem qualquer traço particular, exceção feita a um pilar de calcário colocado sobre uma base elevada (fig. 7). Ao redor deste suporte haviam diversos vasos e taças. A entrada para esta sala era feita por meio de uma passagem em chicana, com um vestíbulo mais ou menos quadrado, no qual foi encontrado, a pequena profundidade, o depósito citado. Este consistia de um conjunto homogêneo de medalhões, barras e tabletes com impressões de selos e sinais incisos de escrita, além de pequenos vasos denominados vasos de Chamaizi, com um quadriculado inciso no colo e sinais de escrita na pança. No entanto o que se nota é que as indicações de Chapouthier são extremamente vagas quanto à posição específica deste depósito dentro

desta sala. No artigo inicial sobre este espaço o autor havia assinalado que o depósito fora encontrado junto com os vasos (Chapouthier, 1953, p.532-534); posteriormente ele assinalou a presença do depósito no vestíbulo da sala, um pequeno corredor de acesso, com um sinal indicando onde ele estaria localizado especificamente. A estratigrafia do achado também não é precisa, sendo dada como sobre o solo lajeado de uma das camadas posteriores, contemporâneo dos últimos remanejamentos, e a uma profundidade vagamente descrita como *faible* (Chapouthier, 1930, p.6).

Maiores informações foram obtidas posteriormente, pois em um artigo de 1979 (Pelon, Olivier e Vandenabeele, 1979, p.23-24) Pelon citou um croqui feito por Chapouthier no qual ele esboçava a situação encontrada na sala III8 (fig. 8a). De acordo com este croqui uma diferença de nível de 0,40 m separava o piso estucado do primeiro estado e o piso lajeado do estado posterior. O solo estucado se apoiava contra um muro leste-oeste ao sul, próximo do pilar assinalado dentro desta sala, e o solo do nível superior estava separado do solo estucado pela fundação de um muro transversal pertencente ao segundo estado, que apresentava um lajeado ao norte que prolongaria o piso de III7 e uma superfície em terra ao sul, a qual provavelmente estava coberta com estuque originalmente. O depósito hieroglífico seria proveniente do espaço intermediário entre os dois solos. O muro leste-oeste associado ao solo estucado passaria sob este, tendo sido datado do final do Minóico Médio com base na cerâmica achada ao redor da base do pilar, o qual foi colocado neste solo estucado.

Aparentemente o problema de datação deste depósito reside na interpretação da evolução arquitetônica deste setor, pois segundo Chapouthier, os fragmentos cerâmicos estavam misturados sendo impossível distinguir os dois níveis. Realmente existe um problema, pois ele estabeleceu um paralelo com um depósito semelhante encontrado em Cnossos, datado por Evans do Minóico Médio II (c. 1800-1700 a.C.), embora inicialmente ele tenha considerado como de princípios do Minóico Médio III (c. 1700 a.C.), alterando-a para o final do Minóico Médio II, devido a determinados ornamentos das gemas associadas que se relacionavam à decoração de vasos do estilo Camares.

Para Mália, Chapouthier pensou numa datação do Minóico Médio III, o que se deu em função do contexto do achado, desde que assim o indicavam as variações arquitetônicas e a cerâmica. Caso o primeiro edifício palacial tivesse sido construído no início do Minóico Médio e o depósito sendo encontrado sobre o lajeado de uma das camadas posteriores, da época de reformulações do fim deste período, seria viável supor que o depósito fosse do Minóico Médio III – Minóico Recente Ia (c. 1700-1450 a.C.), mas sendo assim, não se sabe por quê datar o depósito do Minóico Médio III (c. 1700-1600 a.C.) (Chapouthier, 1930, p.6). No entanto após uma série de sondagens entre 1936 e 1946 ele modificou sua datação, recuando o depósito para o início do Minóico Médio, mais precisamente no Minóico Médio II, devido a vasos do tipo Chamaizi encontrados em contextos do protopalacial, que também estavam presentes na sala III8, e que pela sua associação com vasos de datação já estabelecida se situavam nesta fase.

Posteriormente Pelon retomará a questão discutindo a cronologia deste depósito que, segundo ele, seria do Minóico Médio IIIA, conforme seu estudo de 1982 (Pelon, 1982, p. 189), mas que ele alterou para o Minóico Médio IIIB em novo artigo de 1983 (Pelon, 1983, p. 703). Possivelmente tal incerteza foi estabelecida pela questão da associação dos vasos do tipo Chamaizi com o depósito em si. Mas estas evidências se situavam em dois pontos diferentes da sala: o depósito estava localizado no corredor de acesso à sala III8 e os vasos Chamaizi, que também continham sinais hieroglíficos, estavam ao redor da base do pilar.

Dois pontos devem ser levados em consideração: primeiro, não se tem uma localização precisa dos vasos encontrados ao redor da base de pilar de ammoda, tanto quanto à sua situação espacial quanto estratigráfica; segundo, o mesmo problema aparece em relação ao depósito, desde que não se tem informações específicas sobre ele e as fotos e o croqui fornecidos por Chapouthier apenas indicam a situação após a escavação e não durante o processo de descoberta do depósito. Neste caso podemos apenas afirmar que este depósito não seria anterior ao Minóico Médio IIIA, data da cerâmica encontrada segundo Pelon, mas não podemos afirmar qual a data segura para o depósito em si.

Mesmo nestas circunstâncias, este depósito mostra que houve a sobrevivência do sistema hieroglífico no fim do período protopalacial e início do período neopalacial, em um momento em que o Linear A era o sistema mais correntemente utilizado. A diferença mais significativa entre o material do depósito hieroglífico e da quadra Mu está na notação de cifras: os textos em hieroglífico e em Linear A do depósito do palácio diferem daqueles da quadra Mu por apresentarem um círculo marcando as centenas (fig. 2a), deixando crer que o material desta quadra seja anterior ao do palácio, datando do fim do Minóico Médio II. Dessa maneira se teria ao menos uma evidência da utilização do sistema hieroglífico em Mália para além do momento em que esta desaparece de outros pontos da ilha.

Isto deixa em pauta a questão da utilização do hieroglífico no palácio antes do Minóico Médio III.

Se temos evidências da presença de material inscrito em Linear A no palácio, isto ocorre apenas em contextos associados até o momento a estruturas neopalaciais, ou seja, a partir do Minóico Médio III. Portanto sua associação com o período protopalacial é atestada apenas com o material encontrado na quadra Mu. Assim sendo, este setor permanece como o único local em Mália no qual se possui indícios seguros de ambas as escritas, hieroglífico e Linear A durante o protopalacial. O que resulta disso é que temos por enquanto evidências negativas do palácio quanto à utilização da escrita antes do neopalacial.

Se não podemos ainda responder o porquê da coexistência desses dois sistemas ou da persistência do hieroglífico até o Minóico Médio III, pelo menos podemos afirmar que não se tratou de uma evolução linear de um sistema para outro, ou que isto implicasse no abandono automático do sistema preliminar.

Notas

- 1 - Embora neste caso se tenha um material inscrito no que se denominou protolinear A, de natureza discutível.
- 2 - Dados de 1984, segundo Olivier (Olivier, 1991, p. 242).

Referências bibliográficas

- CHAPOUTHIER, Fernand. Chroniques des fouilles. Travaux de l'École Française d'Athènes. *BCH*. v. 47, f. 2, p. 532-534, 1953.
- _____. *Les écritures minoennes au palais de Mallia*. Paris: Paul Geuthner, 1930 (s. Études Crétoises, 23).

- DEMARGNE, Pierre. *Mallia, nécropoles I (1921-1933)*. Athènes: Paul Geuthner, 1945 (s. Études Crétoises, 7).
- EFFENTERRE, Henri van; EFFENTERRE, Micheline van. *Mallia, maisons IV – Le Quartier Theta (1956-1960)*. Paris: Paul Geuthner, 1976 (s. Études Crétoises, 22).
- EVANS, Arthur J. *The palace of Minos at Knossos: a comparative account of the successive stages of the early cretan civilization as illustrated by the discoveries at Knossos*. London: MacMillan, 1920-36, 4 v., 7 t.
- _____. *Scripta Minoa. The written documents of Minoan Crete I. The hieroglyphics and primitive Linear class*. Oxford: Oxford University Press, 1909.
- GODART, Louis. “Les écritures minoennes”. In: EFFENTERRE, Henri van. *Le palais de Mallia et la cité minoenne*. Roma: Ed. dell’Ateneo, 1980. p. 579-598.
- GODART, Louis; OLIVIER, Jean-Pierre. *Recueil des inscriptions en Linéaire A*. Paris: Paul Geuthner, 1983, v. 4.
- OLIVIER, Jean-Pierre. “Les écritures minoennes”. In: TREUIL, R. et alii. *Les civilisations égéennes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.
- PELON, Olivier. L’épée à l’achrobate et la chronologie maliote (II). *BCH*. v. 107, f. 1, p. 679-703, 1983.
- _____. L’épée à l’achrobate et la chronologie maliote (I). *BCH*. v.106, f. 1, p. 165-190, 1982.
- PELON, Olivier; OLIVIER, Jean-Pierre; VANDENABEELE, Frieda. Un nouveau document en Linéaire A au palais de Mallia. *BCH*. v. 103, f. 1, p. 26-27, 1979.
- ALLEGRETTE, Alvaro Hashizume. Protopalatial evidences of writing at the Minoan site of Malia. *Classica*, São Paulo, 11/12, p.123-138,1998/1999.

ABSTRACT: Indications of writing on Minoan Crete started to appear during the Early Minoan II period, but evidence of a regular writing system was recognized only with minoan hieroglyphic and Linear A systems precursor of Linear B system. Unfortunately, we are able to read only the mycenaean Linear B, while the minoan hieroglyphic and Linear A systems remain undeciphered. Nevertheless, we know that both systems were used mostly for administrative purposes, but new evidences showed that contrary to previous conceptions, the hieroglyphic and Linear A writing systems coexisted during the Middle Minoan period. At Malia this problem is clearly displayed comparing material from Quartier Mu and from the palace at the protopalatial period, what leaded some archaeologists to see a differentiation of functions between these writing systems.

KEY-WORDS: Minoan civilization; Crete; Bronze Age; writing; system Linear A and B; Malia; protopalatial period.

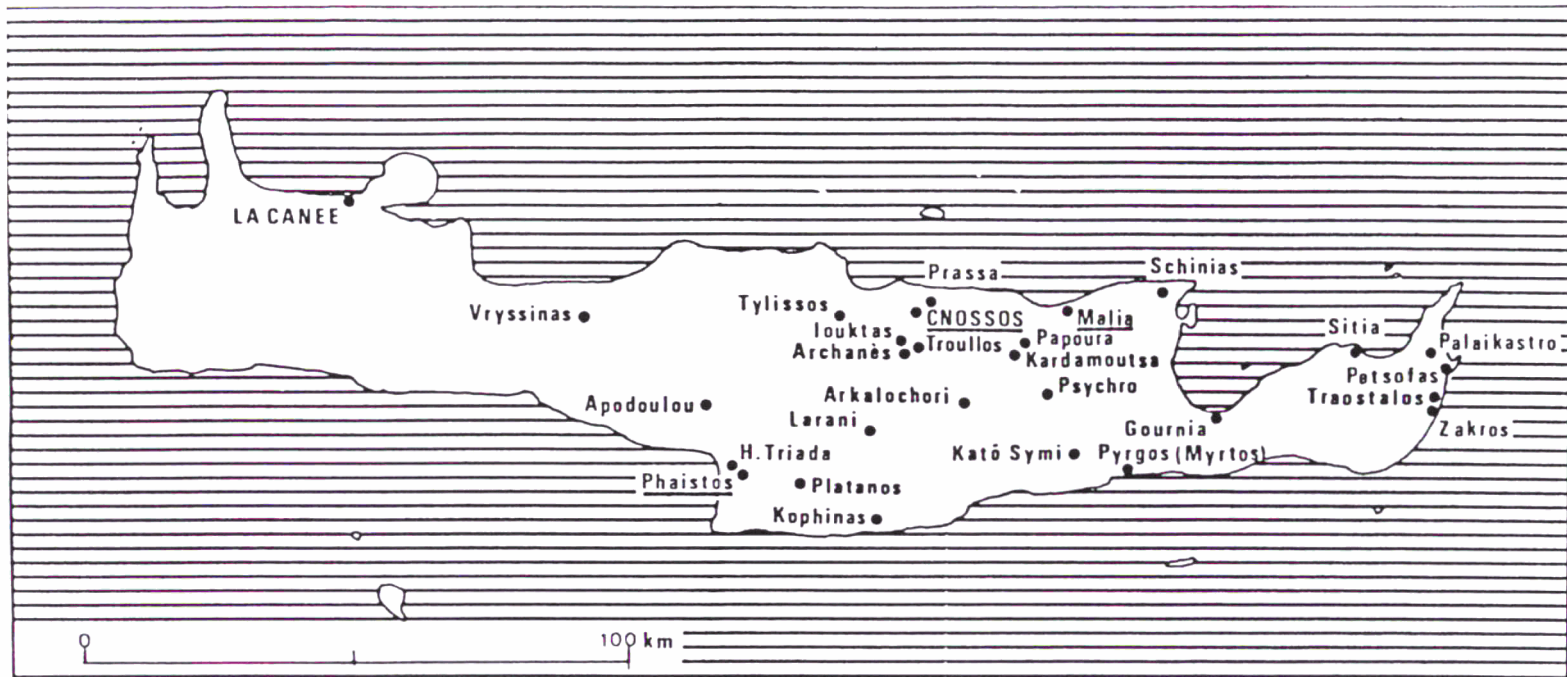


Fig. 1 – Mapa da ilha de Creta, indicando a distribuição das inscrições em hieroglífico cretense, Linear A e em Linear B.

| | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|---|--|
|  01 |  13 |  25 |  37 |  49 |  61 |  73 |  85 |
|  52 |  14 |  26 |  38 |  50 |  62 |  74 |  86 |
|  44 |  15 |  27 |  39 |  51 |  63 |  75 |  87 |
|  03 |  16 |  28 |  40 |  52 |  64 |  76 |  88 |
|  33 |  17 |  29 |  41 |  53 |  65 |  77 |  89 |
|  04 |  18 |  30 |  42 |  54 |  66 |  78 |  90 |
|  30 |  14 |  28 |  40 |  52 |  64 |  76 |  88 |
|  05 |  17 |  29 |  41 |  53 |  65 |  77 |  89 |
|  29 |  18 |  30 |  42 |  54 |  66 |  78 |  90 |
|  06 |  13 |  21 |  31 |  43 |  55 |  67 |  79 |
|  26 |  19 |  22 |  34 |  46 |  58 |  70 |  82 |
|  07 |  19 |  21 |  31 |  43 |  55 |  67 |  79 |
|  21 |  12 |  22 |  34 |  46 |  58 |  70 |  82 |
| 08 | 20 | 32 | 44 | 56 | 68 | 80 | 92 |
| 19 | 12 | 21 | 33 | 45 | 57 | 69 | 81 |
| 10 | 22 | 34 | 46 | 58 | 70 | 82 | 94 |
| 11 | 23 | 35 | 47 | 59 | 71 | 83 | 95 |
| 18 | 11 | 24 | 36 | 48 | 60 | 72 | 84 |
| 12 | 24 | 36 | 48 | 60 | 72 | 84 | 96 |

Fig. 2a – Tabela de silabogramas hieroglíficos minóicos.

O linear A em Mália




































































| Mália | | Primeiro Pálácio PH | Inscrições monumentais | Outros sítios |
|---|------|---|---|---|
|  | L 25 | |  |  |
|  | L 26 |  |  |  |
|  | L 28 |  | |  |
|  | L 29 | |  ;  |  |
|  | L 30 |  |  |  |
|  | L 31 |  |  ;  |  |
|  | L 32 |  |  |  |
|  | L 41 |  |  ;  | |
|  | L 52 |  |  |  |
|  | L 53 |  ;  |  |  |
|  | L 54 |  |  |  ;  |
|  | L 55 |  |  |  |
|  | L 57 |  |  |  |
|  | L 74 | |  |  |
|  | L 75 |  |  |  ;  |
|  | L 76 |  |  ;  |  ;  |

Fig. 2b – Tabela de signos em Linear A de Mália e de outros sítios.



Fig. 3 – Mapa do sítio de Mália (Creta) com quadriculamento de 100m.

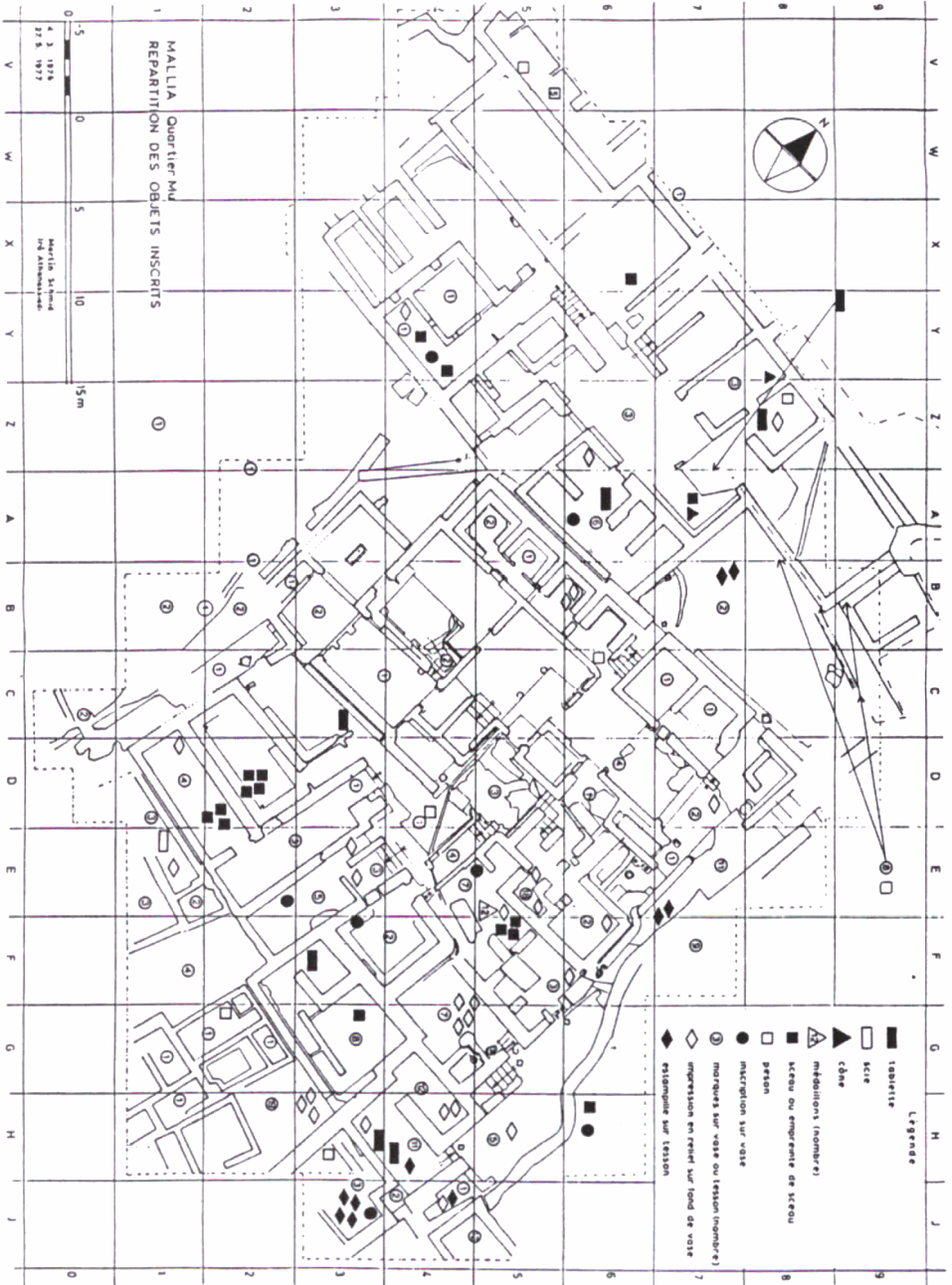


Fig. 4 – Plano do palácio de Mália, com indicação dos locais de descoberta de documentos em hieroglífico cretense e em Linear A.

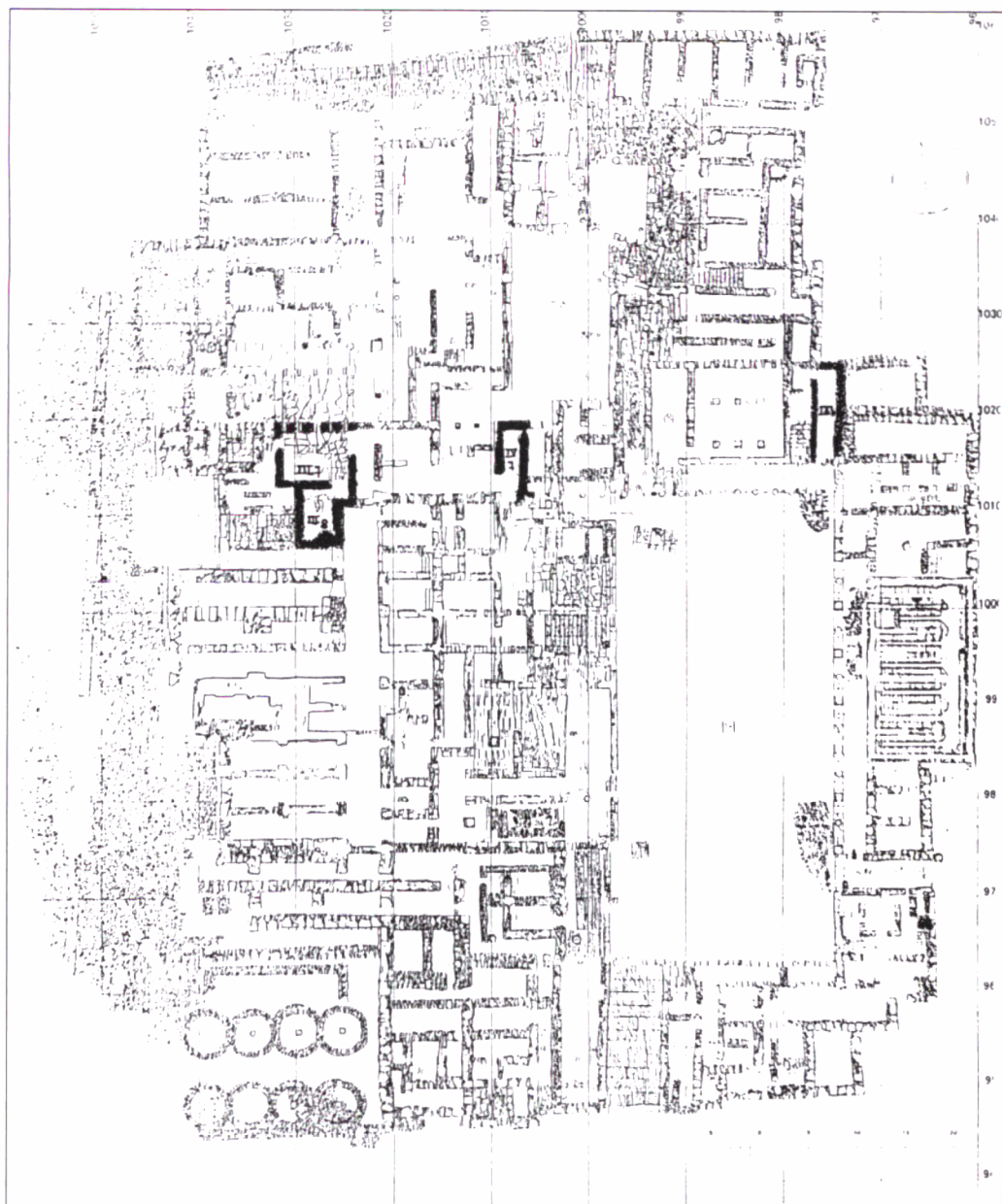


Fig. 5 – Plano da Quadra Mu de Mália (Creta) com indicação da distribuição dos objetos com inscrições.

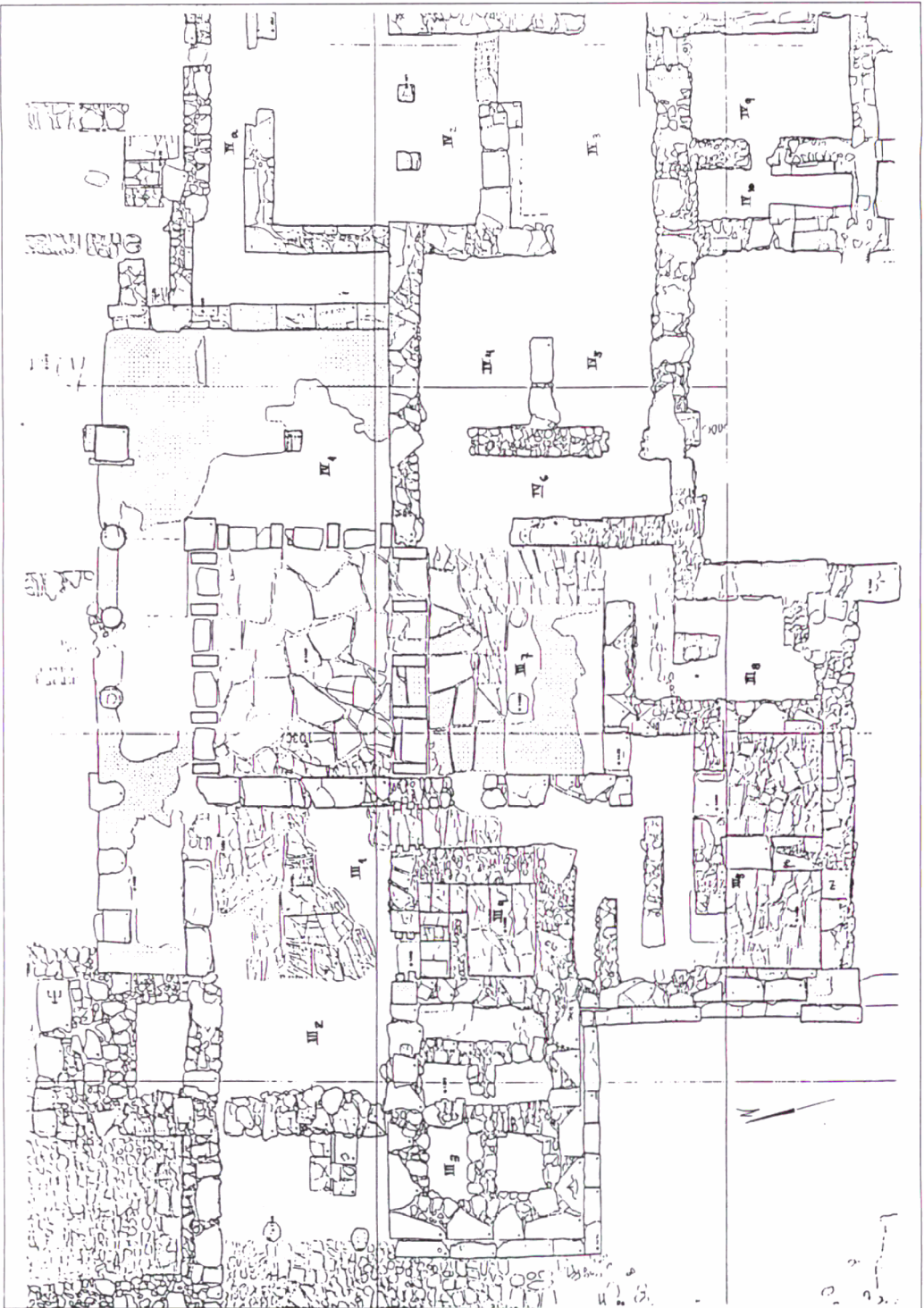


Fig. 6 – Plano das quadras III-IV do palácio de Mália.

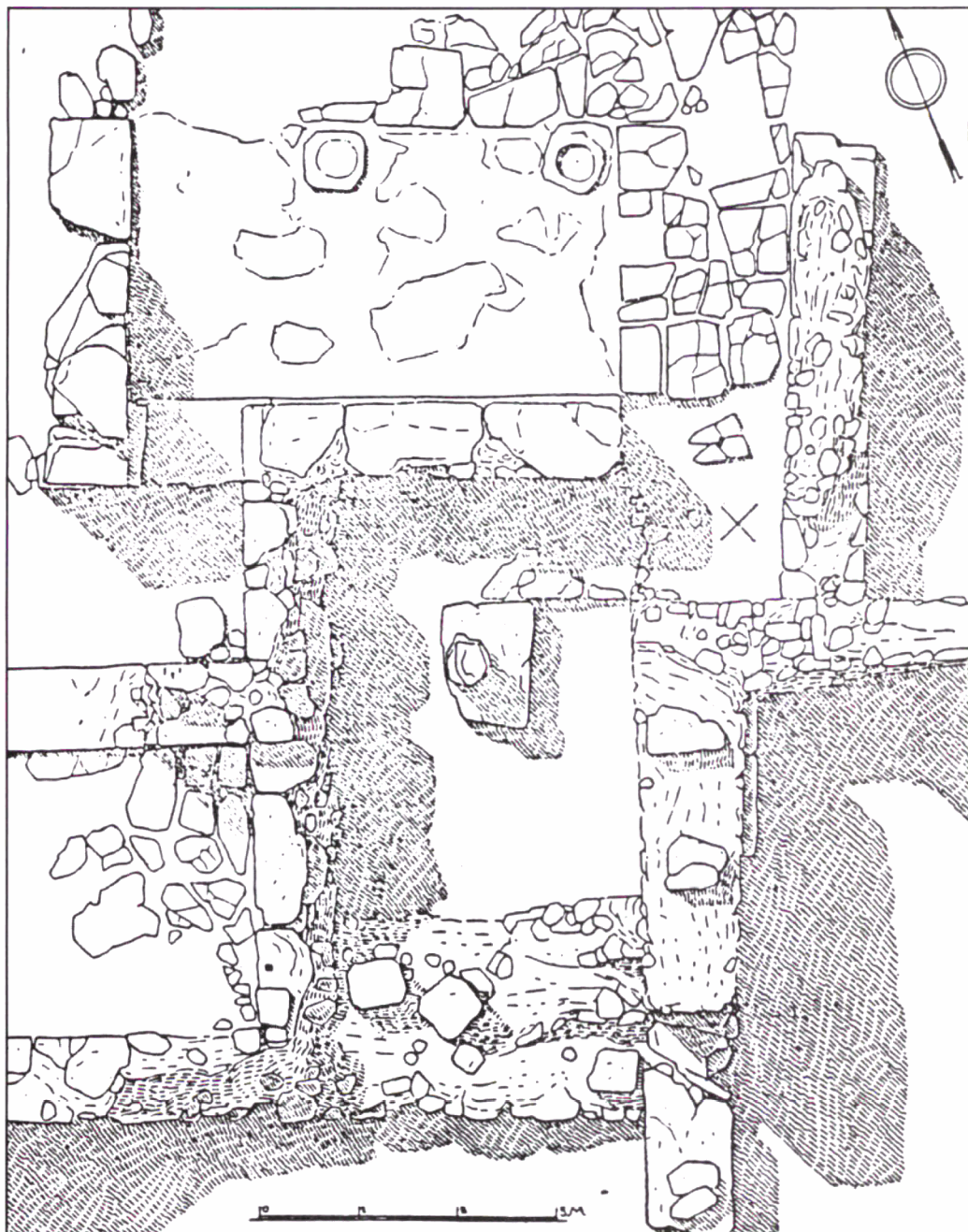


Fig. 7 – Croqui da sala III8 feito por Chapouthier, com indicação do local da descoberta de documentos inscritos.

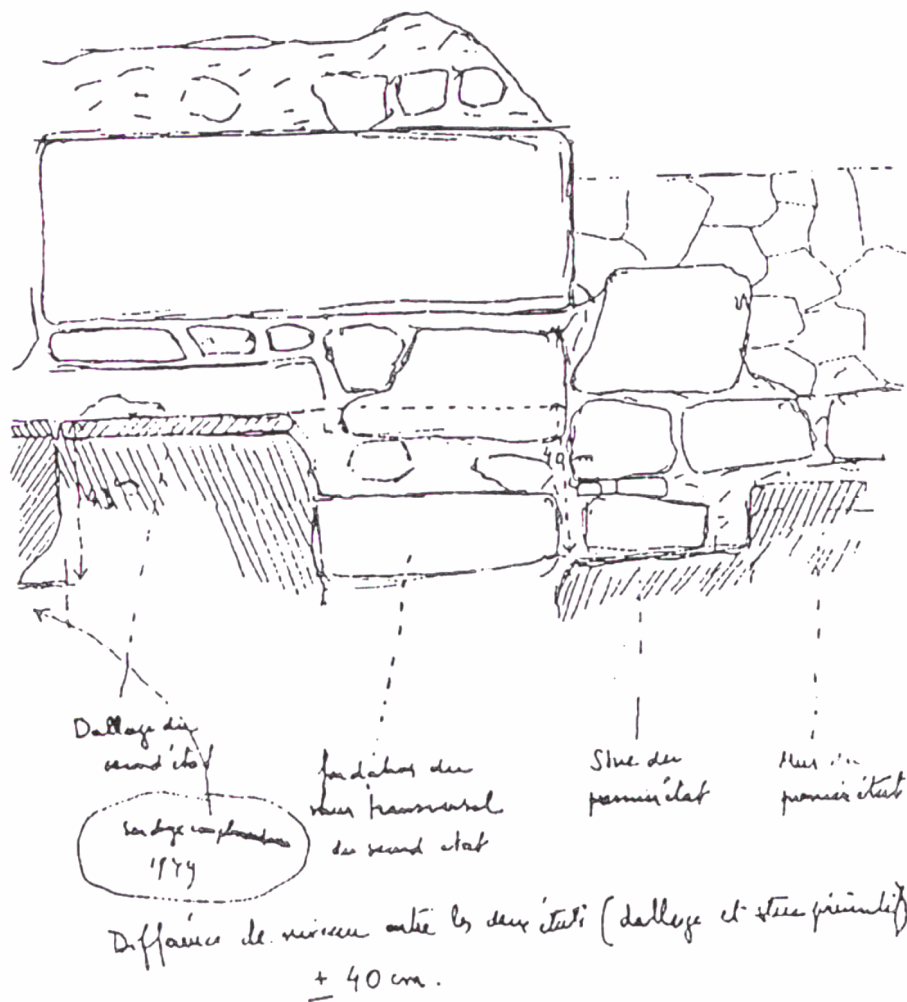


Fig. 8a – Corte da sala III8 feito por Chapouthier.

| | 1 | 10 | 100 | 1000 | 10000 |
|---|---|------------|----------|------|-------|
| H | | • | 1 ○ 2 | ◇ | |
| A | | • 3 — 4 | ○ | ⊕ | |
| B | | — | ○ | ⊕ | ⊖ |

Fig. 8b – Notação numérica no hieroglífico, no Linear A e no Linear B.